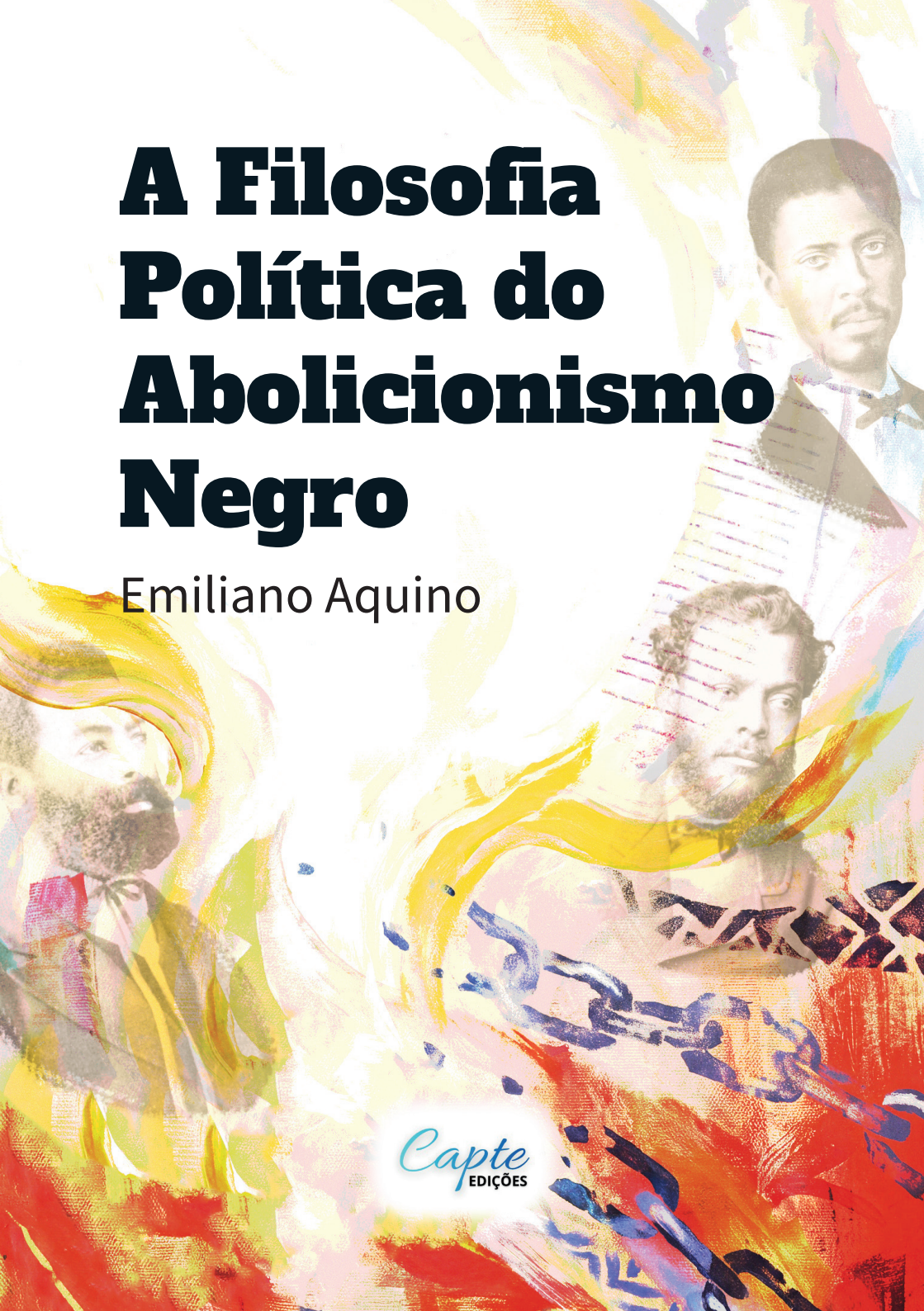
A Filosofia Política do Abolicionismo Negro

Emiliano Aquino



Capte EDIÇÕES

A Filosofia Política do Abolicionismo Negro

Emiliano Aquino

Capte EDIÇÕES

1ª EDIÇÃO - FORTALEZA - 2026

"... a significação revolucionária do abolicionismo — um dos movimentos populares mais importantes da história brasileira".

Jacob Gorender

Ao Diogo e ao Fabrício.
Razões de tudo

Sumário

Por que abolicionismo negro? **9**

Direito natural e luta contra a escravidão **27**

Contra a coisificação do homem **45**

Abolição e democracia rural **67**

"Nossa obra está incompleta" **87**

Nota sobre as fontes **111**

Referências **113**

Nota final **119**

Por que abolicionismo negro?

Eu escrevo esse livrinho para os jovens negros: pretos e pardos. Eu gostaria de ser lido por eles, pois pretendo falar de uma experiência intelectual, política e social de um grupo de pensadores negros da segunda metade do século XIX, nos anos que antecederam a revolução abolicionista de 1887-88. Como essa transformação radical foi muito importante para o que aconteceu depois na sociedade brasileira, talvez o livro interesse também a leitores de todas as idades e cores de pele. Se isso ocorrer, ficarei feliz, mas meu olhar se dirige aos jovens negros quando tenho diante de mim esse teclado e esse monitor e escrevo usando apenas dois ou três dedos de cada mão.

Escrevo para eles porque vou falar de pessoas como eles, cuja experiência social e vida pessoal foram marcadas pela cor da pele numa sociedade que era, e ainda é, racista. Mas, se essa é a pretensão de minha escrita, devo agora falar diretamente aos meus leitores. Sim, escrevo para vocês, jovens negros, moradores de periferias e favelas, quilombolas, estudantes da rede pública, cuja experiência de vida pessoal e social, na escola, na rua, no emprego, é marcada pela pele negra, talvez também pelos cabelos crespos, pelos narizes largos e pelos lábios grossos. As pessoas de quem lhes quero falar também tinham vários ou todos os traços desse fenótipo. E esse fenótipo se tornou importante para a experiência de vida social e pessoal

deles porque a sociedade em que viveram se baseava na escravização do trabalhador africano e de seus descendentes; eles próprios, embora livres, eram descendentes de escravizados e, no caso de Luiz Gama, ele próprio havia sido escravizado.

Sim, o advogado, poeta, escritor e jornalista Luiz Gama; o jornalista, orador (grande orador!), poeta e romancista José do Patrocínio; e o engenheiro e poeta André Rebouças, se reconheciam como parte da gente escravizada. Como pensadores, propagandistas, organizadores e agitadores, eles deram forma pública, no início dos anos 1880, a um movimento político que contribuiu decisivamente para a abolição da escravatura e para o fim do escravismo no Brasil. Eles eram homens livres de uma classe trabalhadora submetida à escravidão. Ligavam-se à classe trabalhadora escravizada não apenas pela cor da pele e por sua procedência, mas também por sua existência presente como trabalhadores negros que não se sentiam livres enquanto seus irmãos de cor e de classe não fossem livres. Todos eles continuaram a viver como trabalhadores e tiravam de seu trabalho o próprio sustento. Livres, não estavam na enxada: estavam no escritório de advocacia e no tribunal, na redação do jornal e na escola. Eram profissionais liberais, como se costuma dizer. Eram trabalhadores intelectuais. E eram intelectuais também em outro sentido: constituíam uma parte dos trabalhadores negros que, livres, dedicaram o melhor de seu conhecimento, de seus talentos e de sua capacidade de agir para organizar o

Leitura de apoio

O abolicionismo deu uma nova dimensão à revolta do escravo. Deu a ele uma nova percepção de si mesmo, ao mesmo tempo que criou uma opinião pública mais favorável aos escravos. Conferiu ao protesto do escravo uma dignidade jamais reconhecida, dando a seu gesto um significado político novo. Concedeu legitimidade à sua revolta e negou legitimidade ao sistema escravista. Tornou a escravidão um crime e absolveu o crime do escravo. Fez do senhor um algoz e do escravo, uma vítima.

O abolicionismo deu força ao escravo e forneceu-lhe meios que jamais tivera. Graças à campanha abolicionista foi possível aos escravos encontrarem juízes decididos a julgá-los com imparcialidade, advogados dispostos a defendê-los, uma população inclinada a encará-los com simpatia e a conferir-lhes proteção e apoio. Finalmente o abolicionismo forneceu aos escravos uma ideologia que, ao mesmo tempo que justificava a revolta deles, condenava a repressão.

Emília Viotti da Costa. *A abolição*, p. 114-115.

pensamento e a ação de uma revolução que dissolvesse as relações sociais escravistas.

Assim, nós podemos dizer que o que os identificava principalmente não era apenas a cor da pele, embora esta caracterizasse sua experiência pessoal numa sociedade escravista, mas a construção conjunta de um movimento intelectual, social e político — o movimento abolicionista — que foi decisivo para a vitória da revolução em 1888. Vocês podem estar agora se perguntando: *Que revolução o quê? Os negros continuaram a ser explorados, continuaram na pobreza ou na miséria, coisa que ainda hoje acontece com a maioria de nós!* Então eu preciso dizer por que uso aqui essa palavrinha que, até onde eu sei, Luiz Gama foi o primeiro a usar, em 1881, para se referir ao fim da escravidão. Uma revolução não ocorre apenas quando os oprimidos tomam e exercem o poder, deslocando dele as antigas classes opressoras. Uma revolução assim ocorreu de fato na antiga Ilha de São Domingos, o atual Haiti. Mas o conceito de revolução tem também um sentido mais amplo: uma transformação social em que antigas relações de trabalho são substituídas por outras a partir da ação humana.

O filósofo negro senegalês Cheikh Anta Diop disse uma vez que nenhuma revolução foi feita por escravos. Ele se referia ao escravismo antigo, grego e romano, que não terminou pela ação dos escravizados, embora estes tenham se levantado muitas vezes em grandes movimentos revolucionários. A revolta liderada por Espártaco em

Roma, em 73-71 a.C., foi uma delas. Dezenas de milhares de escravizados participaram do movimento; derrotados, cerca de 6 mil deles foram crucificados na Via Ápia, uma importante estrada romana que ligava Cápua a Roma. Mas não foram eles que derrotaram o Império Romano e o poder escravista que estava na base do império, abrindo a possibilidade de outra forma de sociedade, no caso, a feudal. Foram as chamadas invasões bárbaras. Mesmo assim, não podemos deixar de reconhecer que a revolta espartaquista foi uma revolução — derrotada. No Haiti, a revolução dos escravizados foi vitoriosa. E no Brasil, cuja história da escravidão é marcada por milhares de revoltas, quilombos e aquilombamentos, fugas individuais e coletivas, assassinatos de feitores e senhores, a gente pode chamar a abolição de revolução? Se sim, por quê?

Como já disse, foi uma revolução social porque substituiu as relações de exploração escravistas pelas relações assalariadas de trabalho, também exploradoras. A exploração continuou, mas não se baseava mais na coisificação do trabalhador, transformando-o em mercadoria e propriedade do senhor. Sim, nesse sentido, foi uma revolução que emancipou juridicamente os trabalhadores antes escravizados, substituindo o trabalho escravo pelo trabalho assalariado. E isso não é pouca coisa! Mas foi também uma revolução em outro sentido: porque a realizaram os trabalhadores escravizados unidos a pessoas livres — trabalhadores assalariados, pequenos comerciantes, operários gráficos e ferroviários, professores, engenheiros,

advogados, poetas e escritores —, uma multidão de gente, de várias cores de pele, classes sociais e profissões.

Quando a abolição ganhou a forma de lei em 13 de maio de 1888, ela já tinha acontecido no mais importante setor econômico da época: a produção cafeeira. E a escravidão acabou por quê? Porque os trabalhadores escravizados interromperam a reprodução das relações escravistas e deixaram de trabalhar, abandonando as fazendas. Antes da lei, antes mesmo do projeto de lei da abolição, a escravidão já tinha acabado na prática justamente naquele setor econômico de que dependia grande parte da economia brasileira. Um senador escravista, Gaspar da Silveira Martins, chegou a dizer no Senado, em 1880: "O Brasil é o café, e o café é o negro". Disse isso para argumentar que a escravidão não podia acabar. Poucos anos depois, a escravidão acabou.

Assim, a revolução que mandou para o lixo da história a escravidão, embora tenha sido feita por um movimento social amplo, pluriétnico e policlassista, só foi vitoriosa porque os próprios escravizados, que eram a principal força econômica do país, impediram que a escravidão continuasse. José do Patrocínio chamou a essa forma de luta de "êxodo de São Paulo", associando o abandono e a fuga dos escravizados do café ao relato bíblico do êxodo de judeus do antigo Egito ("Semana Política", *Cidade do Rio*, 11 de junho de 1888). Uma revolução acontece quando os de cima não conseguem mais governar os de baixo e os de baixo não aceitam mais o domínio dos de cima. Foi